

## A EXPERIÊNCIA DO BRINCAR NA CLÍNICA PSICANALÍTICA WINNICOTTIANA: UMA REVISÃO TEÓRICA

VILAS BÔAS, Bianca Gonçalves<sup>1</sup>; AUGUSTO, Marcela Cavallari<sup>2</sup>.

*doi: <https://doi.org/10.17648/1678-0795.momentum-v20n20-366>*

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o significado e a função do brincar na teoria psicanalítica winnicottiana, bem como compreender a relevância do brincar para a constituição do indivíduo na perspectiva do autor. Assim, por meio da pesquisa bibliográfica, é possível verificar que o brincar é uma técnica interventiva de grande contribuição para o processo psicoterapêutico, tendo em vista que é o meio natural de expressão da criança. Ademais, o brincar contribui diretamente para que se compreenda melhor a subjetividade da criança e do adulto, pois ele reflete as vivências que o indivíduo teve nos primeiros estágios de vida na relação com as figuras cuidadoras e o mundo circundante. Conclui-se ainda que o brincar possibilita a origem da criatividade do indivíduo, refletindo no modo em que opera em suas relações grupais e nas suas experiências culturais.

**Palavras chaves:** Brincar. Psicanálise. Winnicott.

### ABSTRACT

The present work aims to understand the meaning and function of play in Winnicottian psychoanalytic theory, as well as to understand the relevance of play for the constitution of the individual from the perspective of the author. Through bibliographical research, it is possible to verify that play is an interventional technique of great contribution to the psychotherapeutic process, considering that it is the child's natural means of expression. Furthermore, play directly contributes to a better understanding of the subjectivity of the child and the adult, as it reflects the experiences that the individual had in the Early stages of life in relation to the caring figures and the surrounding world. It is also concluded that play enables the origin of the individual's creativity, reflecting on the way in which it operates in their group relationships and their cultural experiences.

**Keywords:** Play. Psychoanalysis. Winnicott.

---

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário UNIFAAT  
e-mail: [biancagvilasboas@gmail.com](mailto:biancagvilasboas@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Clínica pelo IP-USP. Docente no Centro Universitário UNIFAT.  
e-mail: [marcela.cavallari@gmail.com](mailto:marcela.cavallari@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O brincar se revela como técnica interventiva importante na atuação de profissionais psicólogos com o público infantil, tendo em vista que é por meio dele que se torna possível acessar causadores de conflitos internos, os quais, muitas vezes, não são possíveis de serem verbalizados pela criança (SCHMIDT; NUNES, 2014). Devido ao fato de tal técnica assumir tamanha relevância para as intervenções no campo da Psicologia, Winnicott se dedicou aos estudos referentes à temática, tornando-se referência, concluindo que o brincar pode ser utilizado como meio de comunicação na psicoterapia, favorecendo a comunicação da criança consigo mesma e com o terapeuta. Porém, compreendeu que, mesmo o brincar sendo algo natural, quando posto frente a uma terapia faz-se necessário o uso de técnicas específicas para entendê-lo (WINNICOTT, 2019).

Segundo Winnicott (2019), a psicoterapia com o público infantil atua na relação de troca de duas áreas do brincar: a do terapeuta e a do paciente. Por conta disso, quando o paciente não consegue brincar dentro da clínica, torna-se necessário que o trabalho executado pelo terapeuta se direcione a conduzi-lo para que consiga adquirir tal capacidade. Para o autor, o próprio brincar torna-se uma terapia, esta que dispõe de uma aplicação imediata e universal. Além disso, Winnicott (2019) apresenta o brincar como uma experiência criativa e real, uma forma básica de viver, possuindo tudo em si. Desse modo, por meio desta pesquisa, objetiva-se alcançar o significado e a função do brincar para a abordagem winnicottiana, de forma que se identifiquem as possibilidades de intervenções por meio do brincar, se relate a relevância do brincar para a constituição da criança e para o trabalho psicoterapêutico e, também, se compreenda a relevância do brincar para a constituição da criança. Percebe-se, portanto, a necessidade de se olhar mais de perto o brincar, ultrapassando-se sua compreensão conceitual popular.

Considerando-se que o olhar para a criança foi se modificando no decorrer dos anos, assim como as intervenções com este público, e que a Psicologia está sempre aprimorando o seu modo de atuação, a pesquisa possibilita o realce do tema no meio científico, ocasionando o surgimento de mais estudos aprofundados para que as informações e intervenções acerca da temática sejam constantemente atualizadas.

## 1 METODOLOGIA

O presente estudo terá a pesquisa bibliográfica como modalidade de obtenção de subsídios teóricos para a elaboração da temática. Tal modalidade tornou-se relevante para a redação da pesquisa devido ao fato de se utilizar de registros disponíveis, objetivando colocar o pesquisador em contato direto com materiais já publicados sobre o assunto da pesquisa

(SEVERINO, 2017). Sendo assim, serão utilizados livros, publicações em periódicos, artigos científicos e dissertações que abrangem o tema abordado para se obter as informações desejadas. Ademais, o estudo em pauta compreenderá a Psicanálise como referencial teórico, esta que tem como objeto de estudo o inconsciente humano, destacando-se a maior valorização da escuta daquilo que o outro traz, seja verbalmente ou não (SILVA, 2013).

Inicialmente, realizou-se o levantamento bibliográfico impresso e eletrônico, com o propósito de se fazer a revisão da literatura existente. Para tanto, foram utilizadas bases de dados *online*, como as plataformas “SciELO”, “Google Acadêmico” e “Periódicos Eletrônicos de Psicologia” (PePSIC), devido à facilidade do acesso e o maior alcance de pesquisas. Com a conclusão da revisão da literatura, a análise crítica dos materiais escolhidos e a interpretação dos dados apresentados contribuíram para a estruturação do trabalho, de modo que serão apresentados, brevemente, os aspectos gerais do brincar na psicanálise, ressaltando o tema do brincar para Winnicott e, em seguida, serão pontuados os dados recolhidos sobre o uso do brincar como método de investigação, juntamente com o papel do terapeuta nesse método, bem como se apresentará o Jogo do Rabisco. Por fim, serão pontuados os aspectos referentes à relevância do brincar para a constituição do indivíduo.

## 2 ASPECTOS GERAIS DO BRINCAR NA PSICANÁLISE

Para se pensar o brincar em diálogo com a psicanálise, considera-se relevante pontuar as contribuições dos principais autores psicanalíticos para a prática das intervenções com o público infantil. Apesar de Freud não ter desenvolvido uma prática clínica direcionada à infância, seus estudos serviram de base para muitos pesquisadores que se dedicaram a estudar sobre esse público, sobretudo acerca do desenvolvimento psicosssexual e fases de fixações, bem como a relação com as figuras parentais e seus impactos no psiquismo (LEITAO; CACCIARI, 2017).

Em Além do Princípio do Prazer (1996), Freud discorre sobre aspectos da vida infantil, introduzindo a ideia de que o brincar seja carregado de representações e angústias. O autor se atentou a essa hipótese após analisar uma brincadeira de seu neto com o carretel, onde o menino lançava o carretel para longe e emitia um som que se assemelhava à palavra alemã *fort* (o que corresponde a “ir embora”). Logo depois, puxava de volta para si o carretel, emitindo um som semelhante à palavra *da* (correspondente a “retorno”). Analisando tal ação, Freud a nomeou de *Fort-da* e percebeu que poderia representar a angústia que o menino sentia em relação às partidas e retornos da mãe. Dessa forma, compreendeu que o brincar se caracterizava como um meio de a criança elaborar a ausência materna (GONÇALVES, 2018; SOUSA; PEDROZA;

MACIEL, 2020). A partir da observação dessa brincadeira, teve-se o ponto de partida para se estruturar estudos relacionados ao brincar. Por meio das contribuições freudianas, outros autores se dedicaram a compreender a psicanálise com crianças, entendendo que se exigia um manejo diferente do utilizado com adultos.

Nesse sentido, Melanie Klein (1981) organizou a atuação com o público infantil e estruturou a técnica do brincar, tornando possível a aplicação do método psicanalítico com crianças. Para Klein, os mecanismos primitivos, egóicos e superegóicos, existiam nos indivíduos desde muito cedo. Consequentemente, uma vida psíquica poderia ser analisada desde muito cedo (KLEIN, 1981; FULGENCIO, 2008). O brincar foi visto por Klein como o modo de a criança expressar seu mundo interno e, por meio dele, uma vida psíquica inteira pode ser estruturada. Então, em seu manejo, Klein interpretava diretamente a brincadeira, buscando alcançar as angústias presentes no sujeito. Além disso, fazia o uso de brinquedos sem estruturação para que, assim, não houvesse representações do objeto, necessitando que a criança crie e projete para que a brincadeira aconteça (KLEIN, 1981; FULGENCIO, 2008). Logo, o brincar foi analisado com a mesma equivalência à livre associação de ideias do adulto, tendo em vista que a fala organizada ainda não existe na fase da infância. Também, o brincar se mostrou como um método efetivo de investigação psicanalítica, visto que possibilita instaurar aquilo que se espera na clínica com adultos, como a transferência, as projeções e os mecanismos de defesa.

## **2.1 O brincar na perspectiva winnicottiana**

Para criar sua teoria sobre o brincar, Winnicott (2019) quebrou a rigidez e as regras de atuação que vinham sendo utilizadas na psicanálise. Preocupava-se com a caracterização que era dada ao brincar da criança pequena, sendo relacionada à masturbação e às experiências sensuais instintivas. Para o autor, tal fato impossibilitava a percepção sobre outras questões. Posto isso, defendeu a necessidade de se ver o brincar como um tema em si mesmo, não enfocando apenas sobre o conteúdo da brincadeira, ressaltando que “o conteúdo é irrelevante. O que importa é o estado de quase desconexão, análogo à concentração de crianças mais velhas e adultos” (WINNICOTT, 2019, p. 89).

Winnicott (2019) entendia o brincar como um aspecto universal da natureza humana, afirmando que “[...] o brincar promove o crescimento e, portanto, a saúde; brincar leva aos relacionamentos de grupo; brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia [...]” (WINNICOTT, 2019, p. 74). O brincar começou, então, a existir de um modo que ainda não havia sido visto na literatura psicanalítica. O próprio ato de brincar passou a ser o principal

objetivo de estudo e análise, pois, para Winnicott (2019, p. 87), “[...] o brincar é, por si só, uma terapia”, ainda que existam pessoas as quais não consigam fazê-lo. O autor constatou ainda que, além de o brincar possuir uma importância em si mesmo, seria a psicanálise que possibilitaria ver o brincar com tal importância, mencionando que “[...] a psicanálise foi desenvolvida como uma forma altamente especializada de brincar, em prol da comunicação consigo mesmo e com os outros (WINNICOTT, 2019, p. 74).

Desse modo, entende-se que o processo psicoterapêutico se iniciaria no brincar, e isso conduziria ao material da brincadeira, permitindo que aconteça a psicoterapia, e, por fim, proporcionaria a atuação da psicanálise, não a ordem inversa (WINNICOTT, 2019). Para que isso seja possível, Winnicott percebeu a análise do brincar a partir da díade mãe-bebê e de um ambiente que seja facilitador para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, compreendia o brincar, enquanto verbo e não substantivo, como um desenvolvimento do que ocorre nos fenômenos transicionais (WINNICOTT, 2019; FULGENCIO, 2008; SOUSA; PEDROZA; MACIEL, 2020).

O fenômeno transicional se refere ao momento em que a criança começa a se separar da mãe (ou figura materna), pois, no início da vida do bebê, ambos estão fusionados em um só e, por conta disso, surge a necessidade de incluir objetos não-eu para poder substituí-la gradualmente. Tais objetos não são necessariamente físicos, podendo se referir a uma melodia ou uma palavra. Quando o bebê encontra um objeto e este é afagado de afeto para ser usado como se fosse a mãe, tem-se o objeto transicional. Esse objeto permitirá a relação da criança com o mundo (WINNICOTT, 2019; FULGENCIO, 2008; SOUSA; PEDROZA; MACIEL, 2020). Winnicott (2019) pontua que esse fenômeno ocorre em uma dimensão que não se reduz nem à realidade interna nem à realidade externa, mas onde ambas as realidades se encontram. No entanto, para que esse fenômeno ocorra, é necessário um ambiente que facilite o desenvolvimento do bebê, adaptando-se às suas necessidades.

Para o autor, por meio do ambiente facilitador, o bebê consegue adquirir uma confiança em si mesmo e no mundo. Essa confiança representa o espaço potencial entre a mãe e o bebê, e é nessa confiança que a brincadeira começa. Antes, o bebê suportava a ausência da mãe, tanto física quanto afetiva, por um período determinado de tempo. Após esse período, para o bebê, a mãe morreu. Agora, a criança consegue estar sozinha, pois sabe que a pessoa que ela ama é confiável e, portanto, estará sempre disponível (WINNICOTT, 2019; FULGENCIO, 2008). A partir disso, a criança consegue desfrutar de uma superposição entre duas áreas do brincar, a dela e a de outra pessoa. Isso se inicia com a mãe se adaptando às atividades do brincar da criança e, aos poucos, vai incluindo o seu próprio brincar, e dessa maneira um brincar mútuo

passa a acontecer. No entanto, mesmo colocando o brincar como algo universal e da natureza humana, a capacidade ou a possibilidade de brincar dependerá das condições pessoais e ambientais do indivíduo. Desse modo, nos casos de pessoas que não conquistem ou perderam tal capacidade, esse deve ser o fator principal a ser analisado, antes mesmo de se interpretar outros sintomas (WINNICOTT, 2019).

### **3 O BRINCAR COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO E O PAPEL DO TERAPEUTA**

A psicanálise com crianças exige um manejo diferente do utilizado com os adultos. Para a Psicanálise, a linguagem através da palavra é um elemento fundamental, o qual favorece a realização da análise. Porém, pode ocorrer de que a linguagem falada não seja a melhor forma de comunicação (POKORSKI, 2018). Nesse sentido, torna-se importante a “escuta” dos gestos e do silêncio. Entende-se, então, que o brincar possui a mesma equivalência da fala do adulto quando este utiliza a livre associação de ideias no tratamento psicanalítico. Assim, o brincar representa as questões que estão internalizadas na criança que atravessa a primeira infância e passa a ser o modo que ela utiliza para se expressar, visto que a fala organizada ainda está se formando (POKORSKI, 2018).

Como Winnicott (2019) pontua em seus estudos, o brincar faz parte da natureza humana, o que proporciona sua utilização como uma ferramenta de trabalho para o psicanalista. Porém, tais estudos também permitiram compreender que, mesmo o brincar sendo algo natural, há pessoas – crianças e adultos – que não conseguem fazê-lo. Desse modo, o enfoque do trabalho deve ser direcionado à análise do próprio fato ou da possibilidade de fazer essa ação (WINNICOTT, 2019). Para isso, o indivíduo precisa de um trabalho terapêutico que o leve a um estado onde possa desenvolver sua capacidade de brincar. Segundo Fulgencio (2008), o papel do terapeuta se revela de suma importância nesse processo, de forma que se deve buscar criar condições ambientais de adaptação e comunicação para tornar possível essa mudança no paciente. Compreende-se, então, que os terapeutas não devem abusar da interpretação quando não há a comunicação e o brincar mútuo e espontâneo, pois, sem essa condição, a interpretação se torna dispensável (FULGENCIO, 2008).

Posto isso, entende-se que o analista deve criar as condições ambientais que antes o paciente não havia experienciado, permitindo que ele possa brincar, bem como possibilitando seu desenvolvimento. Fulgencio (2008) discorre sobre os pressupostos teóricos de Winnicott, afirmando que a dimensão do brincar vai se expandindo a partir do encontro entre paciente e terapeuta, de modo que as falas e as brincadeiras vão ganhando sentido. Portanto, o analista

precisa apresentar a capacidade do brincar criativo para que a sessão obtenha sucesso, pois a análise como uma mera aplicação de técnica impossibilita o contato e a intimidade que se cria por meio dessa experiência compartilhada (FULGENCIO, 2008). Para Fulgencio (2008, p. 134):

[...] o analista precisará ter diversos tipos de presença e de comunicação com o paciente, mas sempre a partir de uma presença efetiva e não propriamente técnica, até que o espaço da brincadeira, neste sentido preciso que estamos analisando, possa ocorrer e proporcionar o amadurecimento em direção a outros relacionamentos interpessoais, em espaços sociais cada vez mais amplos.

Então, o espaço onde se encontram o paciente e o terapeuta torna-se um espaço de criação, que se desenvolve a partir do contato com o outro. O terapeuta provê um ambiente suficientemente bom que se adapta ao sujeito, assim como o sujeito se adapta ao ambiente. Esse ambiente se refere à apresentação contínua do mundo ao sujeito, o que só é possível por meio do manejo de outra pessoa (SOUSA; PEDROZA; MACIEL, 2020). Para Winnicott (2019), a análise seria relacionada aos cuidados maternos, de forma que o terapeuta representaria o olhar da mãe que reflete a criança. Além disso, pode representar um objeto transicional, o qual adapta-se às necessidades do paciente e, de forma suficientemente boa, permite a presença da criatividade no uso do objeto ao brincar e criar junto. Logo, o encontro com o outro é o que permite a continuidade do sentimento de existência. Sendo assim, o *setting* deve se tornar um ambiente que possibilite aconchego e continuidade, principalmente com pacientes mais regredidos, tendo em vista que a capacidade brincante e criativa pode ser prejudicada caso a criança não encontre um ambiente favorável à sua constituição (SOUSA; PEDROZA; MACIEL, 2020).

### **O jogo do rabisco**

O Jogo do Rabisco, desenvolvido por Winnicott, é uma forma de comunicação que busca ser um espaço transicional, permitindo, a partir de algo sem forma, a criação de um sentido para a experiência, assim como o contato do indivíduo consigo mesmo. Nesse jogo, a ênfase não está na habilidade de desenhar, mas sim na interação recíproca e no compartilhamento do material temático. O papel do terapeuta se estabelece em ser prático, colaborativo e interativo, de modo que busque focar nos conflitos e nos sentimentos envolvidos de forma indireta, se atentando também ao estágio de desenvolvimento que a criança se encontra. Vale ressaltar que o Jogo do Rabisco não deve ser comparado aos testes psicológicos. Durante a realização do jogo, o problema que se apresenta pode estar relacionado ao que causa

tensões na pessoa (MAZZOLINI, 2007). O jogo seria, assim, um lugar de acontecimentos, ocorridos por meio do gesto, do brincar.

De acordo com Mazzolini (2007), o rabisco deve ser feito a lápis e pode ser apagado. Pede-se para que se construa algo a partir do último rabisco feito. Durante a realização da atividade, deve-se manter a flexibilidade, podendo, assim, desenhar, conversar, brincar com brinquedos ou qualquer outra coisa. O profissional psicólogo deve fazer o mesmo que essa criança, jogando de acordo com a necessidade dela. Muitas vezes, os rabiscos podem não precisar de interpretação, mas sim de manejo, de forma que se possibilite e não se oprima. A complexidade do jogo está na experiência, no poder oferecer um espaço de confiança, assim como um ambiente facilitador, o que possibilitará a existência de um local onde se possa expressar questões detidas no processo maturacional. A autora ressalta que o *setting* terapêutico deve se encaixar às necessidades do paciente, de forma que permita que ele seja ele mesmo. Nesse ambiente o silêncio também faz parte do tratamento. Deve-se focalizar a presença humana, de forma a possibilitar que as questões apresentadas entrem em trânsito, pois, assim, o assunto pode ser abordado. Compreende-se que algumas questões não são possíveis de serem resolvidas, mas o objetivo é que sejam colocadas em trânsito, o que se torna possível com a presença do outro (MAZZOLINI, 2007).

#### **4 A RELEVÂNCIA DO BRINCAR PARA A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO**

Winnicott (2019) compreendeu que sua teoria sobre a brincadeira das crianças também pode ser usada com os adultos, porém o uso com tal público se tornaria mais difícil, tendo em vista que o material do sujeito passa a se revelar, sobretudo, por meio da comunicação verbal. Desse modo, o autor pôde entender que é possível encontrar a brincadeira na análise de adultos, assim como ela é encontrada no trabalho com as crianças, no entanto, por meio de uma manifestação diferente, porém com a mesma essência. Sendo assim, a brincadeira no adulto seria analisada através das escolhas das palavras, do senso de humor e do tom de voz utilizado pelo paciente. Entende-se, portanto, que a brincadeira não se limita à criança ou à fase infantil, mas sim se estende até a vida adulta.

Em vista disso, Winnicott (2019) concluiu que o brincar, após a fase da infância, se expande na forma da vida criativa do sujeito. Essa criatividade tem importância crucial na obra de Winnicott e não está relacionada à criação de algo, mas à coloração que o indivíduo dá à sua realidade externa. Ser criativo é o mesmo que estar vivo. Segundo o autor, quando não há a presença da criatividade, o indivíduo vive no mundo como uma forma de submissão, compreendendo que deve se adequar e se adaptar, de forma que não se cria um próprio modo

de viver ou de vivenciar as experiências. Então, a criatividade representa um estado saudável, enquanto sua ausência é algo doentio para a vida. É ela que possibilita que as experiências da vida ganhem um sentido pessoal, tornando possível o sentimento de que a vida está valendo a pena ser vivida. Sendo assim, por meio do brincar, a criança e o adulto vivem criativamente, de forma espontânea e não submissa. A vida criativa gerada e manifestada inicialmente por meio do brincar – e só é brincar se for criativo – se origina no espaço potencial e se estende, no decorrer da vida, para o território das artes, da religião, da filosofia do trabalho criativo, enfim, para a experiência cultural. Desse modo, o brincar leva aos relacionamentos de grupo e, ao brincar, o ser humano produz e encontra si mesmo, o outro e o mundo em que vive (WINNICOTT, 2019).

Entretanto, diz Winnicott (2019), a base para que isso seja possível está, também, nas primeiras relações que o indivíduo tem com a mãe, esta que lhe apresenta o mundo, se apresenta, bem como apresenta o bebê para ele mesmo. Caso esse relacionamento seja desfavorável, a área do brincar fica comprometida e, da mesma forma, a criatividade e as experiências culturais. Quando a mãe é capaz de desfrutar essa área intermediária da criança sem fazer exigências, respeitando as escolhas que a criança faz, não a julgando, não interferindo, esse encontro gera a segurança necessária para a criança ser criativa e isso, futuramente, permitirá que a criança seja capaz de reconhecer sua própria área intermediária, o que trará como resultado uma satisfação quando ela encontrar experiências comuns entre membros de um grupo (experiência cultural).

## **5 DISCUSSÃO**

Tendo em vista os apontamentos teóricos apresentados, é possível compreender a importância que o brincar tem para a atuação do psicólogo na clínica infantil. A experiência do brincar mostra-se como uma técnica interventiva de grande contribuição para o processo psicoterapêutico, considerando que é o meio natural de expressão da criança e, quando esta não encontra vazão devido a algum comprometimento de ordem emocional, poder fazê-lo torna-se o principal objetivo do tratamento. Além disso, o brincar auxilia a atuação do profissional psicólogo, pois contribui para que se compreenda melhor a subjetividade da criança e se tenha acesso ao seu universo psíquico. O profissional psicólogo assume grande importância na relação e no sucesso do trabalho terapêutico, de modo que é a sua atuação que favorecerá, e permitirá, que a criança (ou mesmo o adulto) possa usar o brincar na clínica e, conseqüentemente, na vida. Ademais, compreende-se que o desenvolvimento da criatividade, o qual é proporcionado por meio do brincar, torna-se crucial para a constituição do indivíduo

como si mesmo no mundo. A partir da criatividade, o indivíduo promove a possibilidade de viver de forma espontânea e não submissa, o que resulta, por exemplo, na capacidade de adaptação, bem como de resiliência emocional frente aos desafios da vida adulta (WINNICOTT, 2019).

Junto a isso, entende-se que o brincar e o brinquedo, assim como os fenômenos transicionais, formam a base para a experiência cultural. O objeto transicional se caracteriza como o primeiro uso de um símbolo, assim como a primeira experiência do brincar, utilizado também com a função de unir o bebê e sua mãe no processo gradual de separação. Após a separação, tal fenômeno se estende ao brincar, o qual, com o desenvolvimento da maturidade do indivíduo, se estende à experiência cultural, ou seja, parear com a sociedade. Assim, ambas as experiências estariam localizadas no mesmo lugar: o espaço potencial entre o indivíduo e o ambiente, sendo este determinado pelas experiências nos primeiros estágios de vida (WINNICOTT, 2019; ROCHA, 2021).

Ainda, torna-se válido ressaltar a importância da adaptação do ambiente ao indivíduo. Nesse sentido, pode-se discutir sobre a existência de pais ou responsáveis que almejam brincar com seus filhos, mas não sabem fazê-lo, do mesmo modo que há profissionais que também apresentam tais dificuldades. Para estes últimos, quando a dificuldade ocorrer, uma nova abordagem deve ser considerada. Winnicott (2019) apresenta a importância de a criança saber brincar sozinha na presença do outro. Isso pode ser analisado quando a figura que se encontra junto à criança está atarefada em outras atividades e, contudo, a criança alcança um brincar pleno. Pode-se ter a compreensão de que alguns pais presumem que precisam estar ativos e participativos o tempo todo na brincadeira, o que, nessa perspectiva, se torna dispensável. O brincar sozinho na presença do outro é gerado pela confiança, esta que foi estabelecida nas primeiras experiências de vida do indivíduo em seu ambiente. Tal discussão torna-se importante, pois o excesso da presença não permite à criança *ser*, de forma que o outro brinca e determina a brincadeira, mas não deixa que ela realmente brinque. Desse modo, pode-se supor que a criança está brincando, mas ela ainda estará em uma tentativa de brincar, visto que seu brincar não fora criado por meio do gesto espontâneo e, assim, é empobrecido de criatividade. Tal fato pode ter por consequência a ação do brincar como uma forma de a criança ser vista pelo outro, o que dificultará a existência espontânea e não submissa possibilitada pela criatividade (WINNICOTT, 2019; ROCHA, 2021).

O brincar, portanto, faz referência à qualidade do viver, o que vai além de brincar de jogos e brinquedos. Entende-se, então, que por meio do brincar torna-se possível a comunicação da criança consigo mesma e com os outros, possibilitando não só a exteriorização e o

entendimento do que lhe causa sofrimento psíquico, mas também a constituição do indivíduo como um ser que vive. Desse modo, o brincar em si é terapêutico e, portanto, é de total importância para o desenvolvimento saudável do indivíduo quando criança, para que se favoreça a vida adulta desse ser, mostrando, assim, que o infantil habita em nós até o fim (WINNICOTT, 2019; FULGENCIO, 2008; SOUSA, PEDROZA e MACIEL, 2020). Então, o que significaria o brincar em psicoterapia? As palavras que possibilitariam responder tal questão são comunicação e confiabilidade, mediadas pela própria relação terapêutica.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fundamentando-se nas informações obtidas na pesquisa, observou-se que o brincar é a base da atuação na clínica winnicottiana, tanto com crianças quanto com adultos. Com isso, ampliou-se a compreensão da importância que o brincar possui para essa linhagem teórica, sendo possível relatar e perceber a importância do brincar, bem como identificar as possibilidades de intervenção por meio do seu uso, entendendo-se, assim, a relevância do brincar para a constituição do indivíduo. Desse modo, respondeu-se ao problema de pesquisa e confirmaram-se as hipóteses levantadas. A metodologia utilizada foi suficiente para se alcançarem os resultados, embora uma análise prática pudesse complementar e sustentar o que foi observado e estudado nas pesquisas bibliográficas.

Portanto, sugere-se que estudos posteriores possam investigar esta temática por meio de pesquisas de campo. Também, torna-se relevante a divulgação desses estudos para que profissionais, pais, figuras de cuidado e a sociedade compreendam a importância do brincar para a vida, pois comumente tem-se a visão de que brincar é algo subjetivo e abstrato, verbalizando-se, por exemplo, que na clínica infantil a criança “só brinca”. Ainda, estudos voltados para a compreensão dos pais em relação à temática podem possibilitar-lhes um entendimento maior sobre o assunto, pois, muitas vezes, os pais se esforçam demais – ou de menos – para que os filhos possam brincar, o que interfere no desenvolvimento espontâneo. Além disso, estudos relativos às pessoas que não conseguem brincar podem trazer mais conhecimento para a atuação dos profissionais. Por fim, a criação de diálogos sobre a temática em diferentes contextos pode naturalizar o assunto e, assim, possibilitar que todos possam brincar. Brincar de viver. Ser.

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: SALOMÃO, J. (Org.). **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 2-75. Edição Standard Brasileira, v. 18

FULGENCIO, Leopoldo. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 1, 123-136, mar. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2008000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000100013). Acesso em: 12 set. 2021.

GONÇALVES, Renata. Um estudo de caso sobre a brincadeira do fort-da como indício de estruturação do sujeito. **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 626-637, 2018. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v23i3p626-637. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/147323>. Acesso em: 12 set. 2021.

KLEIN, Melanie. **Psicanálise da Criança** (1926). São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.

LEITAO, Iagor Brum; CACCIARI, Marcella Bastos. A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. **Estilos da Clínica**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 64-82, 2017. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v22i1p64-82. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/121240>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MAZZOLINI, Beatriz Pinheiro Machado. Rabiscando para ser: do si mesmo para o papel. **Imaginário**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 493-509, jun. 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-666X2007000100023&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-666X2007000100023&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 out. 2021.

POKORSKI, Maria Melania Wagner Franckowiak. Psicanálise: quando o falar é um obstáculo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 50, p. 107-113, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372018000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 08 out. 2021.

ROCHA, Márcia Alves da. O brincar e a "nova realidade": reflexões sobre a criatividade, suas origens e a localização da experiência cultural em tempos pandêmicos. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 55, p. 121-128, jun. 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372021000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 nov. 2021.

SCHMIDT, Marília Bordin; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. O brincar como método terapêutico na prática psicanalítica: Uma revisão teórica. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 18-24, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233171564.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017. *E-book*.

SILVA, Denise Quaresma da. A pesquisa em psicanálise: o método de construção do caso psicanalítico. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 39, p. 37-45, jul. 2013. Disponível

em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372013000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 nov. 2020. Acesso em: 12 out. 2021.

SOUSA, Taisa Resende; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; MACIEL, Maria Regina. O brincar como experiência criativa na psicanálise com crianças. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 32, n. 3., p. 269-276, set./out. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/WrcB3XWrqPrmGbWjcnnQn6F/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade** (1975). São Paulo: Ubu Editora, 2019.